

Quem são os empreendedores à frente dos serviços cada vez mais raros na Capital

Preservando tradições que atravessam gerações, empreendedores mantêm serviços em Porto Alegre

➔ **NEGÓCIO RAZIZ**

JÚLIA FERNANDES

juliaf@jcrs.com.br

Cada vez mais difíceis de encontrar, alguns negócios sobrevivem na contramão das transformações do mercado. A aceleração do consumo, especialmente no setor da moda, reduziu a procura por serviços de reforma, conserto e manutenção de peças, enquanto a produção em larga escala e a troca constante de produtos mudaram os hábitos dos consumidores. Como consequência, profissões que antes faziam parte do cotidiano passaram a ser cada vez mais raras.

Em um aeroporto onde quase tudo mudou nas últimas décadas, um pequeno espaço continua funcionando praticamente da mesma forma. Enquanto passageiros fazem check-in pelo celular, embarcam com bilhetes digitais, duas cadeiras de

engraxate seguem ocupando seu lugar no Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre. É um daqueles negócios que sobreviveram às transformações, tornando-se cada vez mais raros.

Há 27 anos, **Cleber Lima dos Santos** chega cedo ao aeroporto para abrir a engraxataria. A rotina começa às 7h e só termina às 18h. Entre um voo e outro, ele limpa, hidrata e devolve o brilho aos sapatos dos clientes. Ouvir histórias, reencontrar antigos conhecidos e observar faz parte da rotina de um trabalho que começou em 1999.

Curiosamente, a profissão quase não fez parte dos planos de Cleber. Na época, ele trabalhava em uma lancheria quando recebeu o convite para assumir uma das cadeiras. A ideia, num primeiro momento, não agradou. O preconceito que ainda existia em torno da profissão pesou. "Mas fiz a conta e vi que a remuneração seria melhor que a do emprego que eu tinha", conta. Cleber voltou atrás, aceitou a proposta e nunca mais deixou o ofício. Naquele fim dos anos 1990, o aeroporto era outro. "Havia telefones públicos espalhados pelos corredores, a passagem era impressa ainda. Muitos executivos viajavam toda semana para reuniões", lembra o

engraxate, afirmando que sapato social bem cuidado fazia parte da imagem profissional.

Impacto da pandemia

A pandemia de Covid-19 acelerou mudanças que, talvez, levassem anos para acontecer. As reuniões virtuais reduziram boa parte das viagens corporativas, justamente o público que sustentava o movimento da engraxataria. "Eles descobriram que não precisavam viajar tanto", resume Cleber. O aeroporto voltou a receber passageiros, mas o perfil mudou. Há mais turistas, famílias e viagens de lazer, de acordo com o engraxate. O executivo que fazia ponte aérea toda semana aparece com muito menos frequência.

A própria moda também ajudou a transformar o negócio, de acordo com Cleber. O tradicional sapato de couro perdeu espaço para tênis e modelos híbridos, feitos com tecidos sintéticos e materiais que não recebem graxa. Até clientes antigos trocaram o visual pela praticidade. Cleber conta que vê muitos senhores usando calçados mais confortáveis, que já não podem ser engraxados. "Aí eu penso 'perdi mais um cliente'", brinca.

O resultado aparece no movimento. Em uma boa semana,

atende cerca de oito ou nove clientes por dia, número bastante inferior ao de anos atrás. Ainda assim, continua encontrando público. Advogados, médicos, professores universitários, empresários e alguns executivos seguem valorizando o cuidado com o calçado e fazem questão de passar na cadeira antes de embarcar. "A gente fala que a profissão vai acabar, mas não vai acabar amanhã. Enquanto tiver serviço, vou estar aqui", destaca.

Um dos pontos que chamam atenção é a curiosidade que os passageiros têm pelo serviço. Segundo Cleber, muita gente diminui o passo ao perceber que ainda existe um engraxate trabalhando dentro do aeroporto. "Alguns fazem foto, outros param para conversar. Às vezes, aparece alguém contando que trabalhou como engraxate na infância para ganhar dinheiro, ou para lembrar de um familiar que tinha o hábito de engraxar os sapatos."

Ao longo de quase três décadas, a cadeira de engraxate acabou se transformando em um ponto de encontro e de observação da vida. Por ela, passaram políticos de diferentes partidos, empresários, dirigentes de futebol, médicos, professores e profissionais das mais variadas áreas. Cleber lembra de nomes

conhecidos, como o ex-presidente e dirigente esportivo do Sport Club Internacional, Fernando Carvalho, e o ex-presidente do Grêmio, Fábio Koff, mas faz questão de destacar que todos são atendidos da mesma forma. A conversa, porém, nunca é forçada. Tímido, Cleber prefere deixar que o cliente conduza o diálogo. Quando percebe abertura, o atendimento vai muito além dos sapatos. Os minutos na cadeira viram um intervalo entre compromissos, um espaço para falar da família, do trabalho, do futebol ou simplesmente descansar antes do embarque.

A profissão também mudou dentro do próprio aeroporto. Quando começou, eram seis engraxates. Depois da pandemia, restaram apenas dois. Recentemente, com a morte de um colega, Cleber passou a ser o único profissional em atividade no terminal. Fora dali, ele conta que quase não vê mais cadeiras funcionando em Porto Alegre. Apesar dos desafios, Cleber não encara seu trabalho como uma profissão em extinção, mas como um serviço especializado que continua encontrando espaço justamente porque se tornou raro. "Como não tem muita gente fazendo, as pessoas me procuram. Ainda tem serviço", declara.

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



Cleber dos Santos é engraxate no Aeroporto Internacional de Porto Alegre desde 1999, e, ao longo dos anos, observa as mudanças no perfil de quem transita pelo local